

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária, constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, em Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● Em Outubro de 2022, realizou-se nova conferência mundial, em Paris, precedida de uma conferência internacional das mulheres trabalhadoras. Delegados de 43 países subscreveram um apelo que actualiza o Manifesto de Mumbai à luz da situação mundial (*).

● Compõem o comité de acompanhamento militantes operários de todas as tendências:

Camille Adoue (França)
Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (EUA)
Colia Clark † (EUA)
Adama Coulibaly (Burkina Faso)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Christel Keiser (França)
Apo Leung (China)
Nnamdi Lumumba (EUA)
Randy Miranda (Filipinas)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Liliana Plumeda (México)
Milind Ranade (Índia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Alemanha, Argélia, Azânia, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burkina Faso, Burundi, Canadá, Chile, China, Congo, Coreia, Egipto, Estado espanhol, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Itália, Marrocos, México, Palestina, Paquistão, Peru, Portugal, Roménia, Rússia, Senegal, Sri Lanka, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Zimbabue.

ESTADOS UNIDOS

Voto Não Vinculado e Luta pelo Partido Trabalhista

Coluna livre de Alan Benjamin, do Conselho de Redacção de *The Organizer*

Não é tarefa fácil, no coração das tripas da besta imperialista, fazer caminho para forjar um Partido Trabalhista, ou seja, um partido da classe trabalhadora independente e de massas, enraizado nos sindicatos e nos sectores oprimidos. Os obstáculos são numerosos, e a classe dominante sabe do elevado risco que corre. Para ela, cada movimento de massas, cada protesto têm de ser enquadrados e repostos no colo do Partido Democrático.

Assim é com o voto “não vinculado” que disparou na passada primavera nos estados de Michigan e Minnesota – dois do punhado de estados onde uma margem mínima de votos decide uma eleição presidencial nos EUA.

O que é o “voto não vinculado”?

Um professor da Universidade de Loyola explicou este voto num artigo que publicou na Internet: “*Nas primárias de 2024, despontou um movimento pelo voto ‘uncommitted’ (‘não vinculado’), que animou milhares de pessoas a mostrarem a sua desaprovação da política da administração Biden no conflito de Gaza. Votar sem vínculo não é a mesma coisa que não votar. Quando um eleitor opta por “não vinculado” no boletim de voto, está a votar num dos partidos, mas sem se vincular a nenhum dos candidatos elencados no boletim de voto...*”

Na super-terça-feira, houve eleitores, em todo o país, que, como forma de protesto, optaram pelo voto “não vinculado” no boletim de voto das primárias democráticas.

Um artigo da *Associated Press* explica as minúcias: “*O Partido Democrático rege-se pela regra dita dos 15%. Pelas regras do Comité Nacional Democrata, qualquer candidato – assim como a opção “não vinculado” – fica habilitado a ter delegados se obtiver pelo menos 15% dos votos a nível estadual ou 15% dos votos em qualquer circunscrição eleitoral.*”

Por exemplo, os Democratas do Minnesota realizaram as suas primárias na super-terça-feira de 5 de Março. O voto “não vinculado” ultrapassou o limiar de 15% ao nível do estado. O escrutínio traduziu-se em 64 delegados comprometidos com Joe Biden e 11 “não vinculados”.

No Colorado, os “delegados não vinculados” receberam apenas 8% dos votos nas primárias democratas da super-terça-feira, o que foi insuficiente para eleger delegados. Portanto, todos os 87 delegados do Colorado à Convenção Nacional Democrática estão vinculados a Joe Biden” (15 de Maio de 2024).

Um voto que expressou a indignação dos trabalhadores

O voto “não vinculado” reflectiu a indignação dos eleitores contra o genocida Joe Biden e o apoio que ele tem constantemente dado a gente da laia de Netanyahu.

“*Muitos eleitores recusaram-se a apoiar o Presidente Biden, protestando contra o seu empenhamento no financiamento da guerra contra os palestinianos*”, escreveu Gus Griffin no número inaugural do boletim publicado pelo *Ujima People’s Progress Party* (UPP).

“*Este movimento começou no Michigan e no Minnesota. As populações muçulmanas e originárias da África Oriental e do Médio Oriente dessas cidades têm aumentado em consequência da instabilidade e das migrações forçadas resultantes da política externa dos EUA.*”

No Michigan, mais de 100 mil eleitores optaram pelo voto “não vinculado” na primária democrata.”

“Não vinculado”: mas sempre sem sair do Partido Democrático

Concordo com Gus Griffin: não há dúvida de que as centenas de milhares de eleitores que escolheram o voto “não vinculado” o fizeram para promover a luta por um cessar-fogo permanente em Gaza e para acabar com os fornecimentos de armas americanas a Israel.

Também concordo com o camarada Griffin quando ele escreve que “*o voto ‘não vinculado’ é sinal de que muitos americanos estão prontos para a mudança. Querem alternativas ao sistema político actual e querem-se organizar e votar de maneira que a sua voz se ouça. Este movimento pode ser o início de uma mudança significativa na política americana*”.

Porém, este esforço só pode dar fruto se o movimento – especialmente o movimento operário – romper os laços de subordinação ao Partido Democrático.

Embora as aspirações dos eleitores “desvinculados” sejam progressistas, o quadro em que lutam pelas suas reivindicações, o Partido Democrático, não só não oferece uma perspectiva política operária independente, como só pode dar num beco sem saída. A razão é que o Partido Democrático é um partido capitalista e, como tal, o coveiro de todos os movimentos de massas progressistas e de todos os esforços de luta pela independência da classe trabalhadora.

Exemplo flagrante, entre inúmeros outros, foi o trabalho tenaz dos funcionários do Partido Democrático da Carolina do Sul (SCDP) para impedir que o Partido Trabalhista da Carolina do Sul (SCLP) apresentasse três candidatos in-

dependentes para cargos estaduais em 2022. O SCLP chegou ao ponto de levar o SCLP a tribunal, anulando a decisão da Comissão Eleitoral da Carolina do Sul, que tinha validado os três candidatos do SCLP.

Todos os esforços para trabalhar dentro do Partido Democrático, preparando o terreno para uma ruptura ‘suja’ com os Democratas no futuro, têm sido reapropriados por este partido capitalista.

Veja-se o caso de Alexandria Ocasio-Cortez, membro dos DSA. Os DSA saudaram nela a socialista combativa que ia abrir caminho a um novo partido de combate. Não abriu: acabou por se tornar numa das principais aliadas de Joe “o Genocida” no Congresso. O *New York Times* crisma-a de “estrela em ascensão” no Partido Democrático.

“Ruptura suja”, uma invenção de alguns chefes dos *Democratic Socialists of America* (DSA) é o mesmo que ruptura nenhuma. Por isso, os proponentes do Partido Trabalhista têm sempre apelado a uma “ruptura cerce” com os Democratas.

Uma resposta a quem tinha obrigação de saber com que linhas se cose

Como alguém que acompanhou de perto a evolução política dos DSA, não me admirou que os DSA se tivessem lançado na campanha pelo voto “não vinculado” no Partido Democrático. Fiquei, isso sim, chocado quando li dois artigos da edição de 25 a 31 de Julho do jornal *Informations ouvrières*, publicado em França.^[1]

Tive, no passado, múltiplas oportunidades de discutir com o camarada Pierre Lambert, fundador do semanário *Informations ouvrières*. Ele partilhava a 100% a posição de Leon Trotsky (e de James P. Cannon) sobre a questão do Partido Trabalhista nos Estados Unidos. É um princípio político enraizado em todos nós que não se pode dar apoio político ao Partido Democrático, por ser um partido que é propriedade da classe dominante e por ela dirigido. Esse princípio universal – a afirmação da centralidade da luta pela independência política da classe trabalhadora – foi atirado às urtigas por aqueles que se apoderaram do nome legal e do cabeçalho das *Informations ouvrières*.

O editorial intitula-se “Construindo com os DSA o partido de que os trabalhadores precisam”. Fazendo-se eco da orientação dos DSA pela “ruptura suja”, o artigo propugna a necessidade de um novo partido algures no futuro... mas de que tipo?

Não um partido assente nos sindicatos e nas comunidades oprimidas.

Pelo contrário, “*um novo partido que represente um movimento de massas da gente comum disposta a mobilizar-se e lutar por um mundo liberto da guerra, da reacção e da exploração das grandes empresas*”. Uma definição facilmente aplicável a muitas das organizações da esquerda populista, sem definição de classe, que orbitam o Partido Democrático.

O segundo artigo das *Informations ouvrières* é uma entrevista dos redactores a dois membros dos DSA: Neil Geiser (Metro DC) e Anlin Wang (Filadélfia DC e membro da Comissão Internacional dos DSA). O título das entrevistas reza: “O voto ‘não vinculado’ e a campanha de massas dos DSA”. O artigo dá apoio claro à política dos DSA.

Geiser resume assim os objectivos da campanha: “*Fizemos campanha porta-a-porta a incentivar a participação nas primárias do Partido Democrático.... No Maryland, recorreremos adicionalmente a uma campanha telefónica. No Maryland, dez por cento dos eleitores das primárias votaram. Estamos muito orgulhosos do trabalho que fizemos*”.

Anlin Wang explicou que um dos objectivos da campanha era aumentar a pressão para um cessar-fogo em Gaza, acrescentando que “*fazemos parte de uma aliança que vai organizar protestos na convenção do Partido Democrata* [em Agosto].”

Lá está, uma vez mais: a tradução prática da orientação dos DSA é aumentar a participação no Partido Democrático.

Uma das lições que aprendemos com o movimento anti-guerra do Vietname é que a melhor maneira de fazer pressão pelo fim da guerra é construir uma campanha de massas, independente, de base alargada e de frente única, na rua, pela reivindicação “Repatriem as tropas JÁ!” – não apoiar uma ala qualquer do Partido Democrático. Foi assim que ajudámos o povo vietnamita a ganhar a guerra.

Hoje, a reivindicação de frente única “Nem Mais uma Arma para Israel!” pegou ao nível internacional, ganhando recentemente muita força em amplos sectores do movimento operário dos EUA.

É uma ilusão mortal pensar que o Partido Democrático alguma vez possa servir de alavanca para a luta da classe trabalhadora. É o contrário. O Partido Democrático é o principal partido do imperialismo. Está a financiar o banho de sangue na Ucrânia, fornecendo recentemente armas à Ucrânia no valor de 61 mil milhões de dólares. É o chefe de orquestra do clamor por preparativos de guerra contra a China. Em anos anteri-

ores, encabeçou as intervenções dos EUA na ex-Jugoslávia, na Coreia, no Haiti, na Líbia... e a lista vai por aí fora.

Nós, do *Socialist Organizer* e do jornal *The Organizer*, temos erguido com orgulho a bandeira da independência e do internacionalismo da classe trabalhadora – e continuaremos a fazê-lo.^[2]

Convidamo-vos a juntarem-se às nossas fileiras e a apoiarem o grande esforço de construção de um partido de massas da classe trabalhadora, enraizado no movimento operário e sindical e nas comunidades oprimidas, tal como é promovido pelo *Labor and Community for an Independent Party* (LCIP) – cortando cerce com o Partido Democrático. ■

Alan Benjamin, 8 de Agosto de 2024

[1] Pierre Lambert, já falecido, foi um dirigente histórico da IVª Internacional, tendo estado à cabeça da reproclamação da QI em 1993. Para mais informações sobre a cisão de 2016 na IVª Internacional, que deu origem ao Comité de Organização pela Reconstituição da IVª Internacional (CORQI), a corrente em que o *Socialist Organizer* se filia, remetemos para socialist-organizer.org e theorganizer@earth-link.net.

[2] Uma conferência mundial recente do CORQI conclui assim o Manifesto nela aprovado: “*O futuro da humanidade está nas mãos da classe operária. O imperialismo decomposto atenta contra os direitos democráticos, incluindo os direitos de manifestação e organização, em todo a parte. Em todo o lado, a roda da história está a andar para trás em matéria de direitos adquiridos pelas mulheres trabalhadoras e do direito à instrução da nova geração. Em toda a parte há ataques à independência adquirida pelos povos, assim como à igualdade formal conseguida pelos negros dos Estados Unidos. Chegou-se mesmo ao ponto de, nos últimos anos, as antigas potências coloniais e o imperialismo decretarem o bloqueio total, primeiro, do Mali, depois, do Níger. Lutando pelo seu direito de organização, pelas liberdades democráticas, pelo direito das mulheres trabalhadoras, pela soberania das nações, pela oposição aos recuos sociais, a classe operária, o movimento operário, aliado a todas as camadas oprimidas da sociedade, choca contra o regime capitalista, contra o sistema de propriedade privada dos meios de produção. Esta resistência operária opõe-se ao plano inclinado em que se movem as potências capitalistas, o plano da generalização da guerra, da marcha para a terceira guerra mundial, que só a ampliação da mobilização da classe operária internacional poderá impedir.*”